

**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

MULHER E TELEVISÃO: RELAÇÕES RESGATADAS PELA MEMÓRIA

Carolina Rodrigues Freitas e SILVA¹³

carolinarofre@gmail.com.

Ana Carolina Rocha Pessôa TEMER¹⁴

anacarolina.temer@gmail.com

RESUMO

A partir das bases teórico-metodológicas da Teoria das Recepções ou Mediações, dos Estudos Culturais e da Teoria Feminista, o artigo parte da ideia de que os discursos televisivos nas sociedades patriarcais e de consumo reproduzem e ajudam a criar noções de cidadania e feminilidade vinculadas ao consumo. Com base nos resultados de um pré-teste para uma pesquisa de recepção, buscou-se analisar as formas de assimilação, resistência e negociação das mulheres a esses discursos sociais observáveis na televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão; Mulher; Consumo; Cidadania.

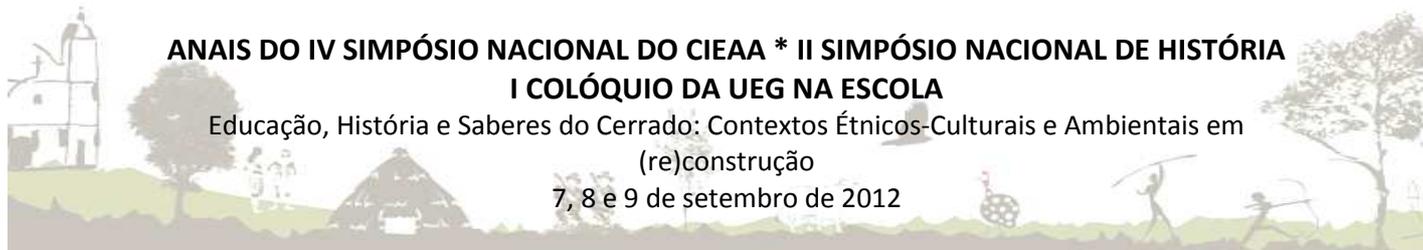
Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada durante a disciplina Estudos Avançados em Mídia e Cidadania e reflexões decorrentes de uma pesquisa em andamento sobre as relações entre televisão e mulher, ambos da linha de pesquisa em Mídia e Cidadania do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

A partir do resgate de memórias, a pesquisa teve como objetivo verificar as formas de assimilação, negociação e resistência aos discursos televisivos, partindo do pressuposto de que a televisão desempenha um importante papel na construção de uma noção de cidadania das mulheres vinculada ao consumo.

¹³ Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM da Universidade Federal de Goiás – UFG na linha de pesquisa Mídia e Cidadania. Bolsista da Fapeg.

¹⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM da Universidade Federal de Goiás – UFG.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

O trabalho tem como base teórico-metodológica a teoria das recepções ou mediações elaborada pela Escola Latino-americana, representada principalmente por Jesus Martín-Barbero, que entende o receptor não como um indivíduo passivo, mas como um sujeito ativo que ressignifica os discursos midiáticos de acordo com as suas vivências no interior de grupos sociais exemplificados pela família, a escola, a igreja, os amigos.

O trabalho se sustenta ainda nos Estudos Culturais Ingleses, conhecidos como Escola de Birmingham em especial os pensamentos de Stuart Hall e John Thompson sobre a cultura, entendida como uma arena de embates e conflitos entre grupos com interesses diversos.

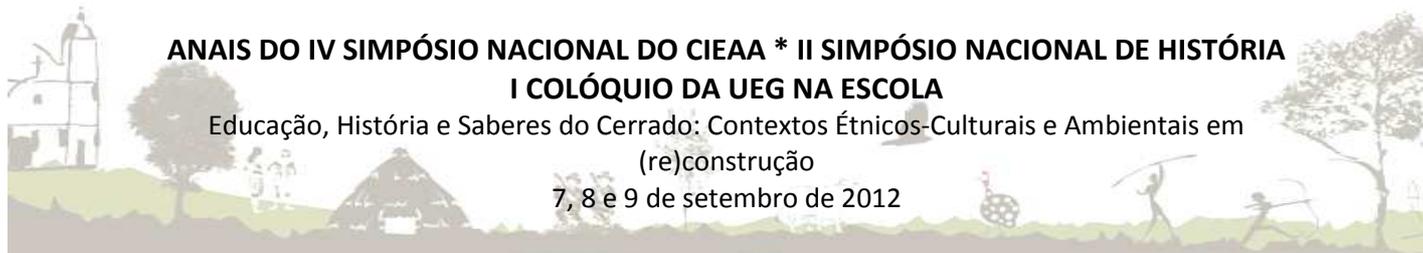
Outra contribuição importante é o pensamento feminista, em especial o de Simone de Beauvoir, de que a mulher não é um ser natural, mas uma construção social. Ninguém nasce mulher, torna-se mulher, disse Beauvoir (1970), desmitificando o mito do “eterno feminino”.

Tomando-se como categorias de análise os discursos sobre a mulher e a cidadania nas sociedades patriarcais e de consumo, buscou-se responder as seguintes perguntas: 1) De que forma os discursos televisivos sobre feminilidade, consumo e cidadania são assimilados ou negociados pelas mulheres? Como eles podem ser reinterpretados ou resignificados de acordo com a vivência das mulheres?

A pesquisa que originou este artigo se configurou em um pré-teste de amostra reduzida, cujos resultados servirão para uma futura pesquisa de recepção com uma amostra mais ampla. De junho a julho de 2012, foram realizadas entrevistas com uma mulher moradora da cidade de Goiânia em que se buscou resgatar lembranças que pudessem responder as questões problema.

A decisão por escrever um artigo sobre a experiência deve-se a riqueza dos resultados, uma vez que no processo de resgatar lembranças, a história de vida da personagem inundou a atualidade de significados na medida em que as suas experiências podem ser compreendidas não apenas como individuais, mas também como expressões de toda uma coletividade.

1. O “eterno feminino”



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Parafrazeando Foucault (*apud* KEHL, 2008), para quem não existe a sexualidade, mas apenas discursos sobre a sexualidade, pode-se dizer que também não existe a mulher, o que há, na verdade, são discursos sobre a mulher, que, em sua maioria, podem ser entendidos como pressupostos pré-reflexivos que servem à configuração do mito do “eterno feminino”.

Ao longo da história construiu-se uma verdade universal sobre a mulher reproduzida de maneira que a sua imagem social vem sendo identificada a uma suposta “natureza feminina”, que a define como um ser emotivo, frágil, belo, sedutor e doce. No entanto, contraditoriamente, a mulher tem sido caracterizada também como amoral e perversa, o que gera “uma visão profundamente ambígua do ser feminino” (ENGEL, 2004, p.332).

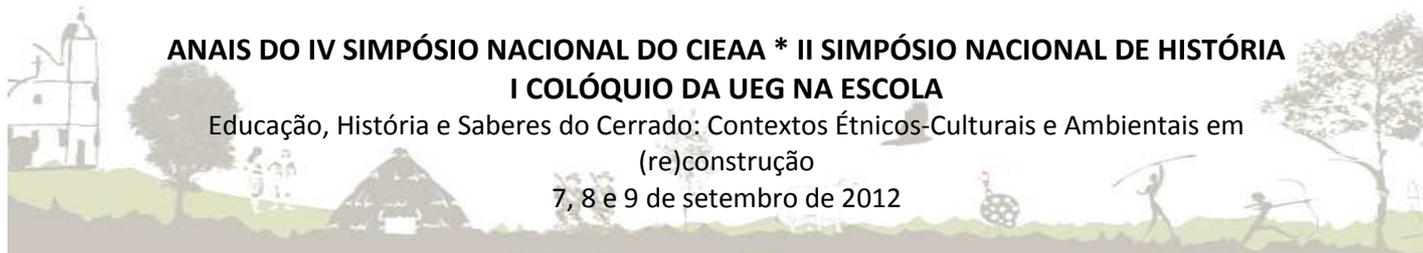
As descobertas da medicina e da biologia e o advento de novos saberes, como a psicanálise, no século XIX, foram responsáveis por imprimir credibilidade científica aos discursos sociais sobre a mulher, ratificados por poetas, pintores e romancistas, que com suas obras contribuíram para a difusão da imagem social feminina.

Nesse sentido, a mulher se tornou

objeto de uma produção discursiva a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua “natureza”, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens - sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna (KEHL, 1998, p.12).

O mito do “eterno feminino” é a base da divisão de papéis entre homens e mulheres na sociedade patriarcal, pois busca naturalizar a ideia de que as mulheres se interessam mais por assuntos considerados femininos, como moda, beleza, decoração, culinária; e os homens por assuntos considerados masculinos, como economia e política.

A forte influência europeia sobre as demais sociedades ocidentais, com destaque para o papel da igreja católica e da cultura judaico-cristão, foi responsável por universalizar o mito do “eterno feminino”. No Brasil, esse movimento “europeizante” se intensificou no final do



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

século XIX e início do XX com a tentativa de “civilizar” e “modernizar” a sociedade brasileira. (D’ INCAO, 2004).

A ideia da mulher como um ser natural foi fortemente contestada no Brasil pelos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970, que tiveram como uma de suas principais inspirações o pensamento de Simone de Beauvoir (1970) de que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Essa ideia abriu caminho para que se pensasse a mulher como um ser histórico, construído social e culturalmente.

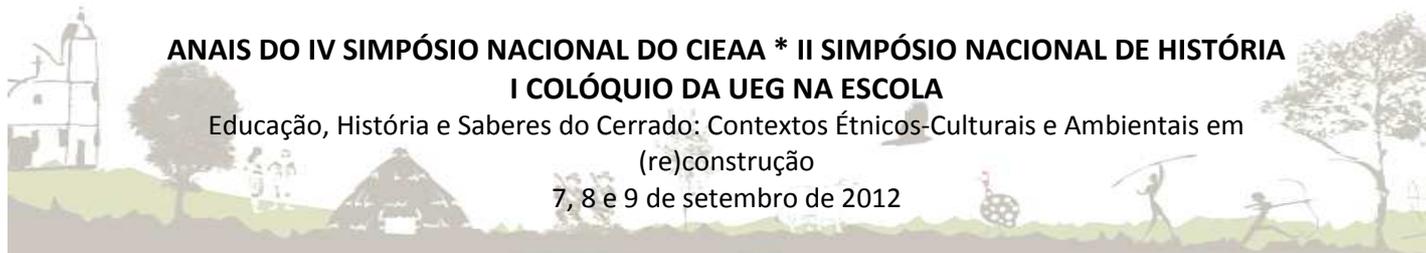
Após décadas de tutela masculina, as mulheres de meados do século XX ansiavam por sua emancipação. Os movimentos feministas dos anos 1960 e 1970, a entrada da mulher no mercado de trabalho, o maior acesso à educação e informação e o “clima de abertura” que marcou o fim do regime ditatorial abriram caminho para o advento da mulher moderna, que busca outras posições sociais além daquela tradicionalmente destinada a ela de “rainha do lar”.

No Brasil, após os anos 1950, se dissemina com mais veemência a imagem da mulher moderna, que, com maior independência financeira e liberdade individual buscará se afirmar principalmente pelo consumo de um novo estilo de vida, mas a modernidade que concedeu à mulher o *status* de cidadã não destruiu o mito, antes se conciliou com ele, para fazer uma nova mulher sob a estrutura de um velho discurso. A mulher moderna ainda é, em essência, a mesma construída historicamente pelo patriarcalismo.

2. O consumo como requisito para a cidadania

Baseando-se nas diferenças biológicas entre os sexos, o patriarcalismo estruturou a humanidade a partir de uma oposição elementar: de um lado, os homens, compreendidos como seres “naturalmente” dotados de razão, do outro, as mulheres, que seriam guiadas pelos sentimentos e emoções. Essa diferenciação fez com que as mulheres fossem historicamente excluídas da cidadania.

A racionalidade que fundou as democracias grega e europeia concebia as mulheres como seres incapazes de agirem de forma racional. Os cidadãos que participavam da vida



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

pública nas cidades-estado gregas eram necessariamente homens livres. Tal modelo se manteve na Europa, onde, ao longo do século XVIII, se formou a esfera pública burguesa, composta somente por homens cultos e proprietários de bens.

No século XVIII as mulheres não eram sequer admitidas nos salões londrinos, sendo “abandonadas a cada noite” por seus homens. “À autonomia do proprietário no mercado e na empresa privada correspondia à dependência da mulher em relação ao marido: a autonomia privada lá convertia-se cá em autoridade e tornava ilusório o pretense livre-arbítrio dos indivíduos” (HABERMAS, 2003, p.48 e 64).

A esfera íntima da família era, assim, marcada por ambivalências, pois mantinha os seus membros unidos pela intimidade humana e também pela dominação patriarcal, ambivalência que se estendia à esfera pública, onde pessoas privadas se entendiam enquanto seres humanos, mas se verificava a exclusão das mulheres tanto de fato quanto de direito (HABERMAS, 2003).

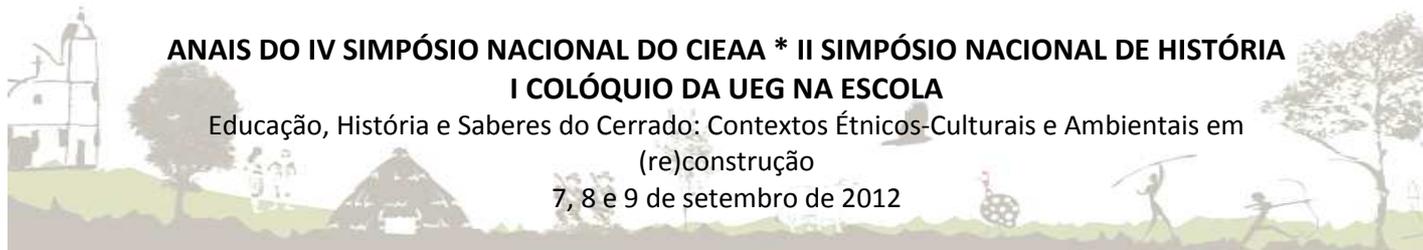
A ideia de cidadania está ligada à identificação e ao sentimento de pertença a determinados grupos sociais, de forma que ser cidadão é aderir aos projetos de interesse comum, recebendo em troca o reconhecimento do grupo (CORTINA, 2005).

No contexto das sociedades capitalistas contemporâneas em que muitas funções do Estado desaparecem ou são assumidas por corporações privadas e a participação social é organizada mais

através de práticas de consumo do que mediante o exercício da cidadania, o consumo se estabelece como o principal requisito para o acesso à condição de cidadão (CANCLINI, 2006).

Entendido como uma relação de direitos e deveres do cidadão (CANCLINI, 2006), o consumo se configura, na atualidade, não apenas como uma tradicional lógica mercantil, segundo a

qual compra e venda se realizam em função das propriedades específicas de um bem para suprir uma necessidade real, pois é o ato de consumir que define as formas de interação do indivíduo com os elementos simbólicos que caracterizam a sociedade na qual ele está



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

inserido, servindo como meio para se obter tanto o reconhecimento quanto a diferenciação social (LIPOVETSKY, 2007).

Numa sociedade em que a mercantilização global produz relações sociais cada vez mais privatizadas e uma esfera pública cada vez mais reduzida, é no ambiente doméstico que os indivíduos, através do consumo, se sentem cidadãos (CANCLINI, 2006).

É através do consumo que a mulher, enquanto sujeito historicamente excluído da cidadania,

adquire a condição de cidadã. Ao ingressar no mercado de trabalho, adquirindo, assim, o seu próprio dinheiro, ela passa ser reconhecida como sujeito dotado de poder de consumo, independentemente da vontade do pai ou do marido. Desta forma, tem acesso ao principal requisito para a inclusão social na sociedade de consumo.

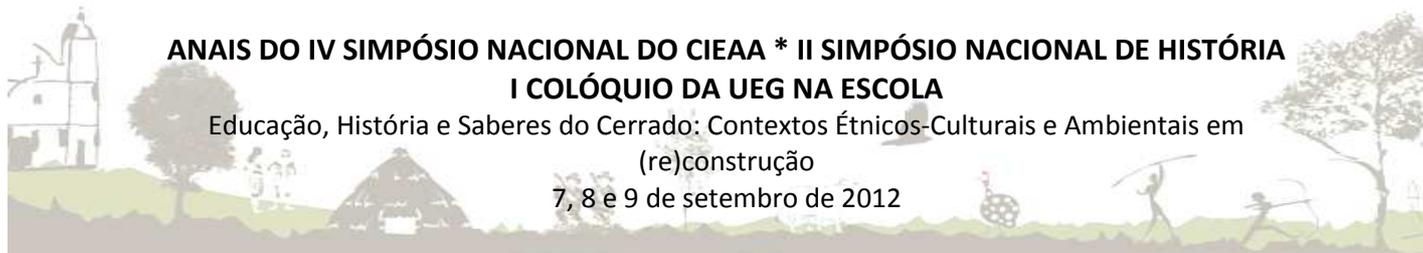
3. Discursos televisivos sobre mulher e consumo

Como elemento da cultura, a televisão tanto reproduz quanto ajuda a criar os discursos que permeiam as sociedades. Na medida em que entra nas casas das famílias brasileiras, a partir dos anos 1950, televisão se torna a principal fonte de informação e conteúdo simbólico, assumindo um papel ideológico bastante poderoso.

Alimentando e alterando as concepções de mundo em um contínuo processo de criação e renovação das tradições, a televisão passa a ensinar o indivíduo a consumir, mostrando o que ele deve adquirir e descartar, os estilos de vida possíveis e desejáveis e as maneiras de agir, servindo como “fontes de conselhos para enfrentar a dificuldade e complexidade da vida” (THOMPSON, 1998, p.187 e 189).

Introduzida no Brasil como símbolo de progresso e porta-voz dos novos tempos, a televisão se converteu em principal agente do processo em que a cidadania é forjada segundo a lógica social do consumo, na medida em que:

a cultura do ter, ou, mais exatamente, a cultura do ter o que o outro não tem...o desejo de consumir iguala as plateias...Nessa cultura, ser



consumidor convicto e convertido é um atributo que antecede à própria cidadania (BUCCI, 1997, p. 37).

Maior campo midiático brasileiro, a televisão influencia principalmente às mulheres. Se o jornal impresso se dirige, em primeiro lugar, ao homem, cujo espaço por excelência é a rua, a televisão se dirige em especial à mulher, historicamente ligada ao ambiente doméstico. Desde o surgimento da televisão, foi ela quem mais teve contato com o meio. Ao ponto de se difundir a ideia de que “televisão é coisa de mulher”.

Como empresa capitalista que busca antes de qualquer coisa o lucro, a televisão nunca entrou em choque com os discursos socialmente aceitos sobre a mulher, dizendo às suas telespectadoras que as mulheres são “mesmo assim”, contribui para a permanência do mito do “eterno feminino”.

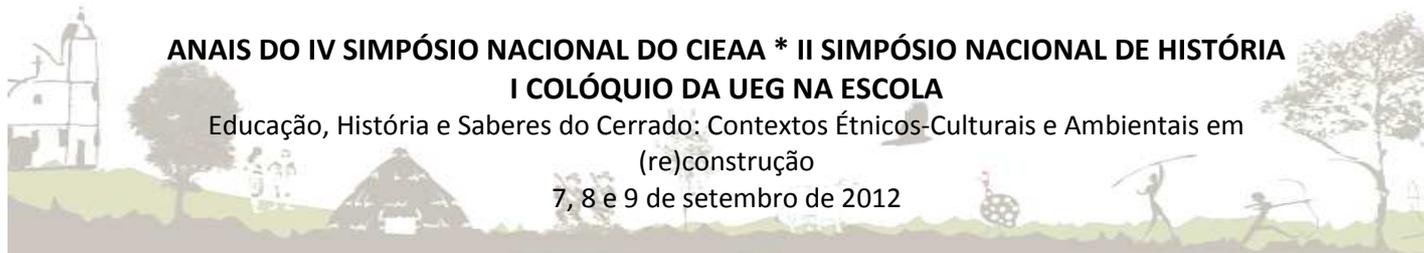
Nas sociedades de consumo os discursos de feminilidade, construídos pela sociedade patriarcal, se aliam aos de consumo e o discurso da televisão é de que para ser feminina, nos padrões socialmente aceitos, a mulher precisa consumir determinados produtos, serviços, ideias e comportamentos.

Atuando como verdadeiro dispositivo pedagógico, a tevê contribui para que os discursos de feminilidade e cidadania das sociedades patriarcais e consumistas sejam internalizados e naturalizados no meio social, o que, com o tempo, afeta significativamente as subjetividades e sociabilidades principalmente das mulheres.

A televisão foi responsável por difundir a imagem da mulher moderna, que já não se conforma com o papel de “rainha do lar”, mostrando a ela um novo estilo de vida associando ao consumo, mas a mulher moderna que aparece na tevê ainda é aquela do mito. Por mais que pareça diferente, ainda guarda a sua “natureza feminina”.

4. Memória e reconstrução do passado

Lembrar significa “vir de baixo” ou “trazer à tona” o que estava submerso. Nas sociedades contemporâneas, onde tudo é rápido demais, instantâneo, *fast food*, descartável, a



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

memória é recurso raro. Nessas sociedades, calcadas no sistema capitalista, o que não tem valor para sustentar a atualidade é esquecido. Vive-se da destruição da memória e da ilusão do eterno presente.

Mas as articulações entre passado e presente são complexas. Bergson (1986, p. 183) ressalta que, “na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”, pois

aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens (BERGSON, 1986, p. 183 e 184).

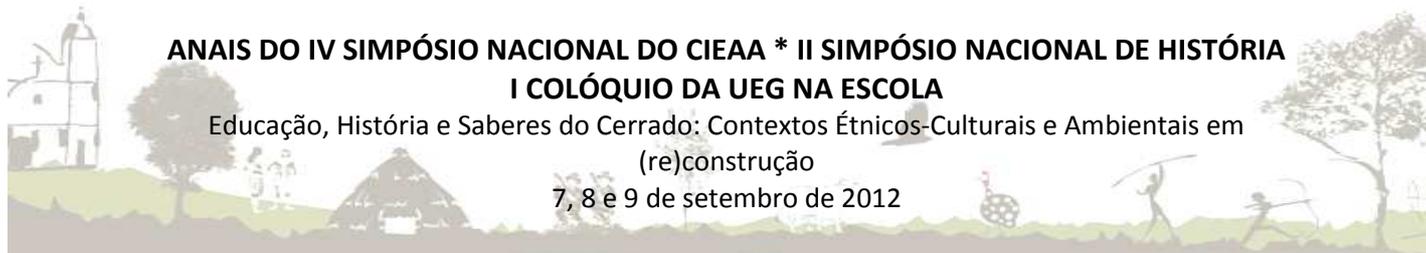
Desta forma, o passado é permanentemente evocado no processo das representações atuais, influenciando toda a percepção do presente, sendo a memória o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BERGSON, 1986, p.184) ou uma força subjetiva “profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSSI, 1994, p.47).

Se o passado persiste no presente, aquele só pode ser resgatado com os olhos deste. Lembrar é resgatar o que está oculto, mas “não é reviver e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”, uma vez que “cada imagem formada em mim está mediada pela imagem, sempre presente do meu corpo” (BOSSI, 1994, p.44 e 55).

As percepções atuais funcionam como um filtro através do qual passam as lembranças, o que implica em uma avaliação, logo, alteração do passado. Assim,

por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSSI, 1994, p. 55).

Alinhando-se às teorizações de Halbwachs (1990), compreende-se a memória individual amarrada à memória do grupo e esta à memória coletiva de cada sociedade de forma que as recordações não emergem em estado puro, mas são remodeladas pela cultura na



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

qual o sujeito está inserido. Por isso, aqueles que recordam tendem a reconstituir os estereótipos e mitos necessários à sobrevivência dos grupos hegemônicos, que criam a versão oficial dos acontecimentos (BARTLETT, 1932).

Essa memória coletiva pode ser totalmente assimilada e tomada como sua pelo sujeito ou reconfigurada pela interpretação, ganhando novos sentidos através de um “longo e amplo processo, pelo qual sempre fica o que significa”. Nesse sentido, a melhor forma de conhecer a história de um indivíduo é levá-lo “a fazer a sua autobiografia”, pois “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSSI, 1994, p. 67 e 68).

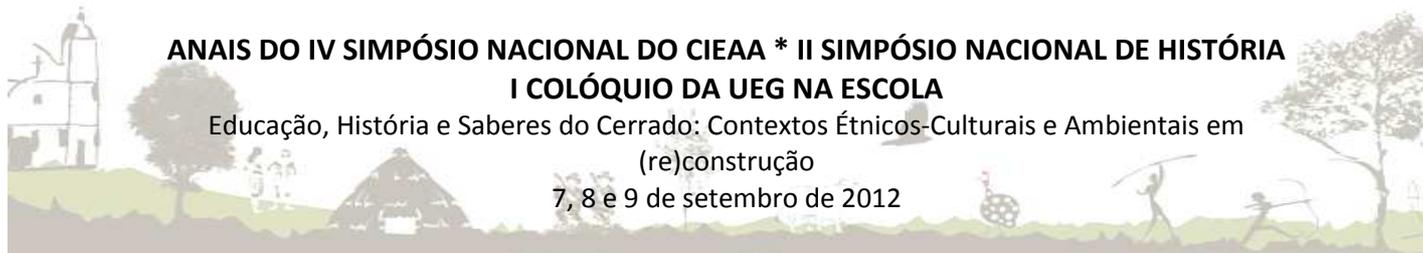
Nesse processo de resgatar lembranças e reconstruir o passado com os olhos do presente, as lembranças de uma personagem inundam a atualidade de significados, na medida em que as suas experiências podem ser compreendidas não apenas como individuais, mas também como expressões de toda uma coletividade.

5. A perspectiva da recepção: uma história a ser contada

A partir do deslocamento metodológico proposto por Martín-Barbero (2003), que entende a comunicação como uma “questão de mediações mais que de meios”, buscou-se, nesta pesquisa, compreender os modos de apropriação dos discursos televisivos, revendo “o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências, que aí tem seu lugar” (p. 28).

Ao centrar-se na recepção, pretendeu-se “ler não só a dominante, mas também as diferentes lógicas em conflito tanto na produção quanto no consumo” a fim de atingir “as pulsações do social que se manifestam pela lógica do mercado, mas que de modo algum nela se esgotam, além da significação cultural dos dispositivos com que se materializa” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 182 e 187).

Longe de uma atitude passiva, o receptor trabalha ativamente na decodificação da mensagem midiática, o que nem sempre corresponde à codificação da mensagem veiculada (HALL,



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

1987, p. 377). Isso acontece, segundo Canclini (2008), em especial nas sociedades complexas onde há uma grande heterogeneidade de ofertas culturais e sobretudo nas sociedades latino-americanas, que convivem com várias temporalidades históricas distintas.

Nesse sentido, o povo é compreendido não como tema, mas como categoria ou lugar metodológico a partir do qual se faz uma releitura da história cultural, que o re-situa como sujeito “outro” e parte da memória histórica (MARTÍN-BARBERO, 2003).

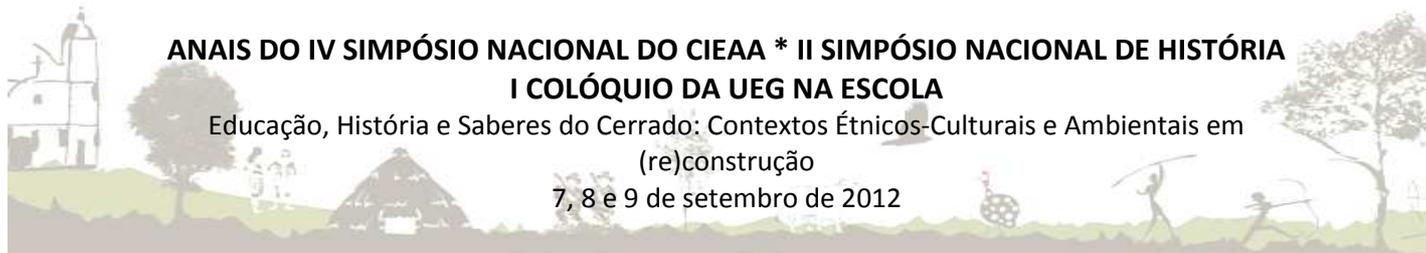
De banalizado, o cotidiano passa a ser o lugar do diálogo e do conflito, do intercâmbio e das lutas, aquele que conecta o mundo da escola, da igreja, do trabalho e que faz interagir as temporalidades desses diversos mundos com as do consumo dos meios, em particular da televisão” e com a subjetividade, tomada como o lugar de formação de identidades e sensibilidades (MARTÍN-BARBERO *apud* LOPES, 2003, p.15).

Os usos e apropriações do discurso televisivo pelo povo são compreendidos como possibilidade de um outro discurso, marginal e ocupante das entrelinhas e como restomemória sem discurso e estilo (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Para a realização deste pré-teste, foi selecionada uma mulher de 44 anos, moradora de Goiânia. Como o tempo disponível para a pesquisa foi de cerca de três meses somente, tinha-se consciência de que o número de encontros possíveis era insuficiente para reconstruir toda a história de vida da entrevistada, por isso, optou-se por resgatar lembranças de uma época significativa da vida desta mulher: o encontro com a televisão.

Foram realizadas entrevistas em profundidade na casa da entrevistada em um total de três encontros. A primeira entrevista foi aberta, sem gravador e sem roteiro e serviu como sondagem para a elaboração de um roteiro. Este foi um “momento de descobertas” em que, a partir do tema central da pesquisa, a entrevista fluiu livremente (DUARTE, 2009, p.65).

Após essa fase exploratória, passou-se as entrevistas semiestruturadas com o uso do gravador e guiada por perguntas previamente elaboradas, realizadas também na casa da entrevistada.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

6. Memórias de uma moradora de Goiânia

Aldenira veio com a família de Tocantínia, cidade pequena do interior do Tocantins, para Goiânia no início da década de 1980. Com 12 anos na época, a menina teve que aprender a ser mulher e cidadã nas modernas sociedades patriarcais de consumo.

Saindo de uma cidade pequena para uma metrópole no início de sua adolescência, Aldenira viveu o novo duplamente. Na época, o consumo lhe foi apresentado como porta de entrada tanto para o “universo feminino” quanto para a cidadania.

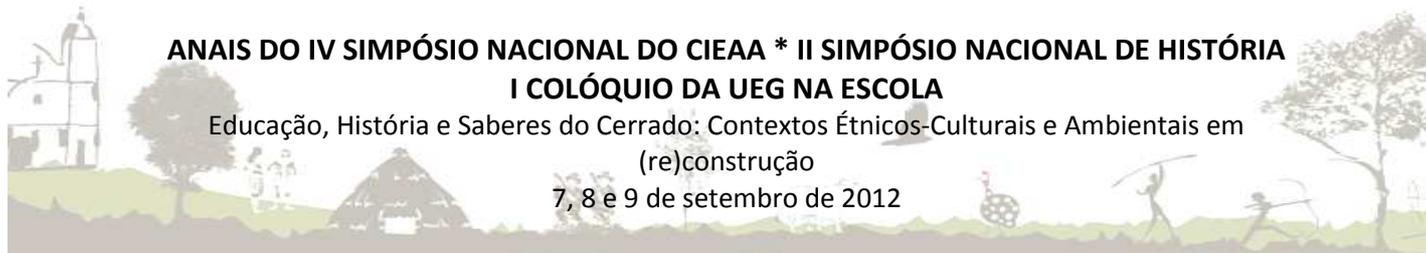
Ao chegar em Goiânia, Aldenira e a família se instalaram em um barracão nos fundos da casa do tio. Um lote grande onde moravam muitas famílias. As primas foram as responsáveis por lhe inculcar o hábito de assistir televisão todas as noites.

As cores e luzes da cidade eram as mesmas da televisão, que lhe anunciava a modernidade como um paraíso a ser alcançado, despertando nela desejos de consumo. Diante de uma nova realidade urbana, midiática e consumista ela precisou reconfigurar o seu modo de pensar, agir e viver, assimilando, negociando e resistindo a esses discursos de acordo com a suas vivências.

A coletividade foi algo marcante na sua pré-adolescência, sendo as vivências com a família, os vizinhos e na igreja recorrentes em sua fala, do que pode-se concluir que esses grupos sociais representaram as mediações mais significativas para os discursos com os quais teve contato.

O fato da mãe trabalhar na construção civil, universo considerado “masculino”, mas que muitas mulheres pobres já começavam a entrar devido a falta de oportunidade para trabalhar em outras áreas, ajudou Aldenira a achar “natural” que mulheres trabalhem em qualquer área.

Éramos só nós três. Não tinha meu pai. Minha mãe trabalhou muito nesse período, inclusive ela trabalhava em um universo que era masculino, na construção civil. Ela trabalhava junto com muitos homens e dizia que não tinha problema, que ela respeitava eles e eles respeitavam ela (Aldenira, em entrevista realizada 16 de junho de 2012).



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Para uma menina às portas da adolescência, ser mulher é ter a aparência de mulher. A busca por essa imagem, faz com que ela se alinhe aos discursos sociais com os quais tem acesso. A proximidade com as primas, que já haviam internalizado os discursos sobre a mulher, o consumo e a cidadania foi importante no processo de integração da menina.

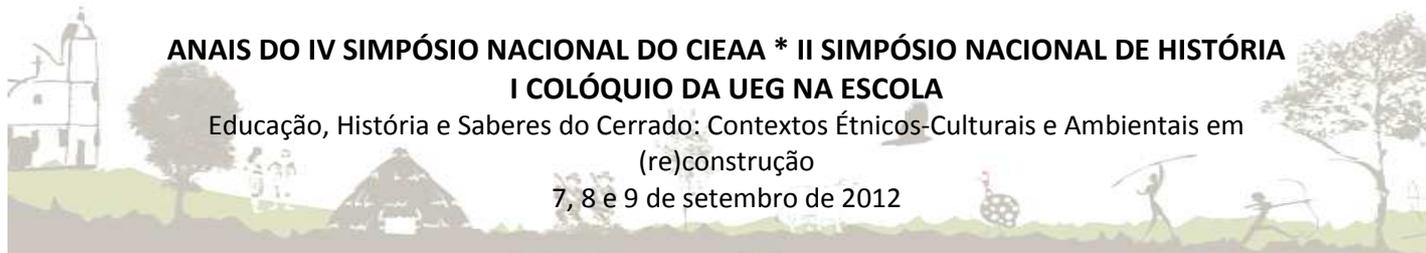
Onde morava eu não tinha nem boneca, sabe? Eu que inventava as brincadeiras. Brincava muito solta assim, no mato e tal. Aqui eu fui conhecer outro universo. Minhas primas me deram boneca, me ensinaram a brincar de casinha (Aldenira, em entrevista realizada 16 de junho de 2012).

Eu lembro que a gente (Aldenira e as primas) tinha muito dessas coisas, de querer se vestir como uma mulher adulta, eu acho que era isso. Eu lembro que a gente passava maquiagem forte. Normalmente, eu não saía na rua daquele jeito, mas brincando a gente fazia (Aldenira, em entrevista realizada 16 de junho de 2012).

A tela da tevê mostrava a ela o que é ser mulher: usar a roupa e o sapato da moda, se maquiar, se comportar com delicadeza. “Eu lembro que a gente gostava de ver balé. Achava lindo. Muito delicado” (Aldenira, em entrevista realizada 30 de junho de 2012).

A religiosidade da mãe ensinou a menina a aceitar as restrições à liberdade feminina. Como na igreja, a tevê também mostrava o que as mulheres podiam ou não vestir, fazer, pensar e falar, ensinando-as a seguirem modelos e padrões de consumo como forma de inserir no mundo moderno. Mesmo que de forma diferente, a tevê também restringia a liberdade das mulheres.

Eu tive uma educação religiosa bem rigorosa na qual quase tudo era proibido. Namorar, dançar, fumar, beber, sair eram coisas proibidas. Tinha essa justificativa por eu ser mulher, porque minha mãe tinha muito medo que nós nos perdêssemos nas tentações da vida. Acho que a doutrinação evangélica era o que mais influenciava. Eu frequentava todos os cultos e não saía se não fosse com as 'irmãs' da igreja (Aldenira, em entrevista realizada 30 de junho de 2012).



**ANAIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Se a vida em Tocantínia era difícil, em Goiânia também não era fácil. A crise econômica, a injustiça social, a acirrada competição por postos de trabalho e as distâncias maiores entre os lugares dificultavam o cotidiano. No entanto, com o ingresso da mãe no mercado de trabalho e o acesso aos confortos e tecnologias da vida urbana faziam com que Aldenira se sentisse incluída. Naquela época, “eu tive mais acesso” (Entrevista realizada 16 de junho de 2012). E foi esse acesso aos símbolos compartilhados pelo grupo social no qual ela estava se inserindo que a fez se sentir cidadã.

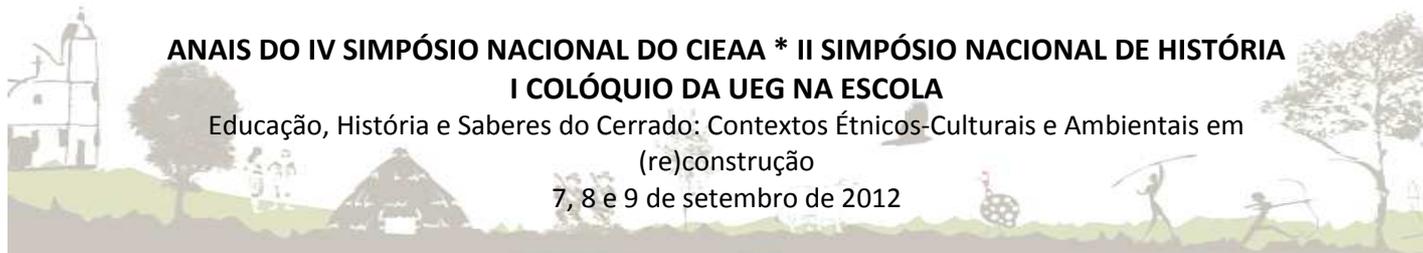
Em um ambiente com poucos recursos financeiros, Aldenira precisou aprender a lidar com os discursos televisivos, que lhe apresentavam novos mundos e faziam com que ela se sentisse parte deles, mas que também ressaltavam a exclusão que a sua condição social implicava.

Muita coisa que a gente via na televisão, a gente sentia vontade de comprar. Sempre que tinha alguma coisa que tava na moda a gente queria, mas a família não tinha muitas condições. Naquela época tinha uma sandalhinha que chamava Melissa. Eu vi na propaganda e tal. Toda menina queria. Foi difícil, mas convenci minha mãe a comprar uma pra mim (Aldenira, em entrevista realizada 30 de junho de 2012).

As impressões da pré-adolescente são contadas por uma mulher de 44 anos, casada, mãe de dois filhos e pós-graduada, que reconta o passado de acordo com as suas concepções atuais, por isso, suas lembranças, marcadas por uma noção de cidadania e de feminilidade que vem pelo consumo, ajudam a entender não somente o que passou, mas o que ainda está presente na vida das mulheres modernas inseridas nas sociedades de consumo midiáticas.

Considerações finais

Como conclusão pode-se afirmar que quanto mais as vivências das mulheres na família, na igreja, com os amigos e nas diversas instâncias sociais reafirmam os discursos de feminilidade e cidadania pelo consumo maior é a assimilação e menor o poder de resistência e negociação das mulheres.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Em contrapartida, pode-se dizer que quando as instâncias mediadoras tem discursos diferentes, que afirmam outras feminilidades e outras formas de se sentir parte, as mulheres tem maior poder de resistir e negociar com esses discursos, que são enfraquecidos e não totalmente assimilados.

Assim, propõe-se que as diversas instâncias sociais que servem como mediações promovam e estimulem o senso crítico, a capacidade de questionamento e a diversidade de pensamento como forma de fomentar outras formas de ser mulher, homem, cidadãs e cidadãos.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. 4ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSSI, Ecleia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

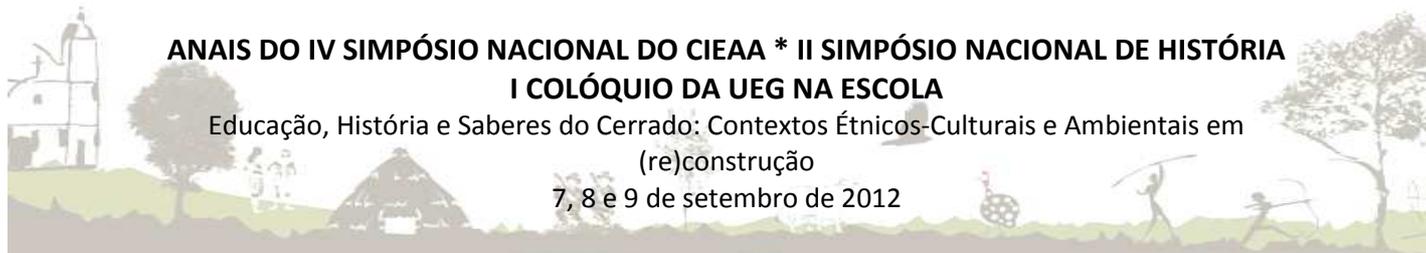
CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CORTINA, Adela. Para uma teoria da cidadania; Cidadania intercultural. Miséria do etnocentrismo. In: CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.

D'ÍNCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2010.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnico-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2004.

HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1987.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

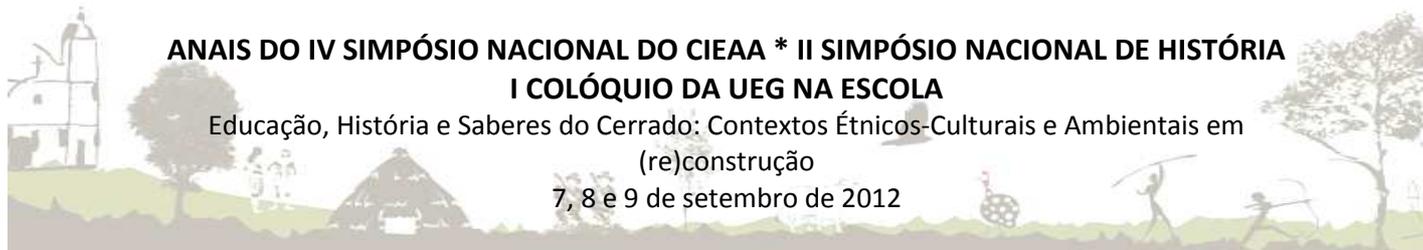
LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela*: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Tradução de Jacob Gorender. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.



**ANAIIS DO IV SIMPÓSIO NACIONAL DO CIEAA * II SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
I COLÓQUIO DA UEG NA ESCOLA**

Educação, História e Saberes do Cerrado: Contextos Étnicos-Culturais e Ambientais em
(re)construção

7, 8 e 9 de setembro de 2012

Anexos

Quadro comparativo da década de 1980 e a atualidade

Nome	Local de nascimento	Etnia	Idade	Escolaridade	Religião	Classe social	Composição familiar	Marco temporal
Aldenira César Santos	Tocantínia (TO)	Parda	12	Ensino básico incompleto	Evangélica	Baixa	Mãe e irmã mais velha	Início dos anos 1980
Aldenira César Isecke*			44	Pós-graduação completa	Espírita kardecista	Média alta	Marido e dois filhos, de 17 e 24 anos	Atualidade

*Nome adquirido após o casamento

Roteiro utilizado na segunda entrevista

Identificação: nome, idade, principal atividade, grau de escolaridade, etnia/cor da pele, religião, onde mora e com quem.

1. Fale um pouco sobre a sua vida naquela época, sua relação com a família, amigos.
2. Você assistia televisão? O que gostava de assistir?
3. Você se considerava uma mulher feminina naquela época?
4. Você se considerava uma mulher moderna?
5. Naquela época, você se sentia cidadã?
6. Você acha que as mulheres, em geral, já eram consideradas cidadãs?